

JORNAL: Journal do Comércio LOCAL: Guamabara

DATA: 30/04/1967 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: Nova Arte ajusta-se à realidade brasileira

ASSUNTO: Iron e outros com sua arte ajusta-se à realidade brasileira.

No recinto da mostra Nova Objetividade, entrevistamos o pintor Escosteguy, sobre o momento artístico e a respeito de suas obras pessoais.

— Que acha do movimento artístico brasileiro, visto na sua dinâmica?

— O movimento artístico brasileiro, longe de tomar uma posição estacionária (como reflexo dos acontecimentos sócio-econômicos), assentou suas bases na própria essência do projeto abstrato, de onde partiu para uma objetividade inapelável, tanto nos aspectos de pesquisa semiótica (dos mais penetrantes), como nas exteriorizações de caráter significativo. É notável sua independência das correntes externas, principalmente das manifestações OP, POP e «hard-edge», que, para nós, não teriam sentido criador. Elementos como Antônio Dias, Rubens Gerchman, Magalhães, Vergara, Lígia Clark, Oiticica, Waldemar Cordeiro, Haudenschild, Zilio Nitsche, Luís Gonzaga, Maurício Nogueira, Lígia Pape, Leirner, Gullar, Spiguel, Solange Dias, Ivan Serpa, Cláudio Rodrigues, ao lado de tantos outros, estão contribuindo de maneira decisiva para a construção de formas de superação de manifestações estritamente estéticas ou de mera estruturação romântica sob o denominador comum de surpreendente riqueza de expressão. Este conjunto de aptidões não se neutraliza formulando uma escola ou um estilo, mas fundamenta novas posições da arte e do artista, que redundam, sem dúvida, numa integração nos problemas e necessidades do homem brasileiro. A simples transposição (entre outras) imposta pelas novas obras, no sentido de alicerçar o enriquecimento visual-contemplativo, de cunho hedonista, para um «ecran» mais amplo, de percepção e enriquecimento da consciência do observador, consolida o movimento brasileiro em termos de defesa cultural.

Na verdade o movimento está em expansão desde as seguras experiências do concretismo, e, pelo menos no momento, sua área de penetração ainda é desproporcional à sua legítima importância, como acontece com todas as incursões da vanguarda. Sua força, me parece, reside na autenticidade do poder criador, na capacidade inventiva, no afastamento dos lugares-comuns, no exercício de uma atuação crítica em detrimento de concepções apenas ingênuas, estéticas ou naturalistas. Por incrível que pareça, está livre também de adesões oportunistas que poderiam desfigurar seu projeto de afirmação.

Em suma, penso que o movimento, sendo o que deveria ser, ajusta-se muito bem à realidade brasileira,

J. com  
30/4/67

## Nova Arte ajusta-se à realidade brasileira

Informa o pintor Pedro Escosteguy

leira, estando globalmente instrumentado para enfrentar, de forma otimista e construtiva, todas as vicissitudes do nosso desenvolvimento. É um passo para a frente, colado no chão, mas com destino certo.

— Que mandará à bienal de S. Paulo?

— Estou pensando em comparecer com obras de relacionamento lúdico-social, algumas das quais expuz em «Nova Objetividade» e na inauguração da G-4. Vou enumerar alguns trabalhos, dos quais enviarei o número regulamentar para o setor de «outras técnicas».

1 — Totem — Nesta estrutura de madeira, levanto um pseudo-monumento de inspiração mágico-perceptiva, onde o observador descobre ou não que as bandeiras (?) ou armas (?) são pernas-de-pau verdadeiras, que, inclusive, podem ser usadas por aquele. Fixo um aspecto da mentalidade do nosso povo que aplaude, ingenuamente, muita coisa que não lhe serve.

2 — Operação tartaruga — Aqui reconstituo a forma essencial de uma tartaruga, de cujo «corpo» emergem canos (como os de tanques de guerra). A peça inclui uma rampa em que a tartaruga pode deslizar, «invadindo» o recinto. É uma alusão aos que confundem os meios com os fins, perturbando o desenvolvimento de muitas nações.

3 — Transcontinental — Neste trabalho reproduzo (como posso) uma torre de lançamentos de foguetes, onde com a retirada de contra-pesos, faz-se a contagem regressiva tão popular. Entretanto do foguete salta uma pipa que transforma a visão bélica inicial num panorama urbano.

4 — Mapa — Este mapa é construído com retângulos de madeira, sobre os quais existe um mapa referente à «logística» de ocupação de determinada área. Os retângulos são montados sobre irmãs, o que os torna removíveis pelo espectador, já agora participante. Sob o mapa há palavras alusivas àquela

área, tais como café, minérios, justiça, liberdade etc. No caso, a utilização semiótica dos ímãs, proporciona uma visão global rápida da problemática da força e do direito.

5 — Ameaça-criação — É uma construção composta de elementos simbólicos tais como bombas, gênese, gente, industrialização, onde, partindo-se da «ameaça», pode-se criar (quem cria agora é o espectador), uma nova situação em que se aproveita a energia das bombas para incentivar a produção.

6 — Tiro-ao-alvo — Aqui faço uma proposição de interromper uma cena de pára-queda e baterias mediante o jogo popular das feiras, quando o espectador pode atirar no alvo. Cada vez que acerta neste, um mecanismo primário libera uma letra da expressão «alto!» É um trabalho alegre, de caráter pacifista.

— Que enviará ao Salão Nacional de Arte Moderna?

— Realmente, neste ano comparecerei novamente ao Salão, com trabalhos que apresentei em Opinião-66, refundidos. São os seguintes:

1 — A mocinha da lua — Esta peça é uma alusão à possibilidade de «gentes» ou coisa assemelhada, noutros planetas. «Nis-ti-vit?», seria uma língua estranha. Às vezes acho bom também pensar nesta hipótese.

2 — Não há vagas — Nesta estrutura o participante pode acionar um botão. Tocar a campanha de alarme e iluminará a expressão «Mas há o caminho». É uma mensagem de encorajamento aos estudantes e aos trabalhadores.

3 — Geiger-67 — Trata-se de um computador de energia atômica. Em cada movimento lê-se +. Na base registra-se a palavra Vietnam. Nesta peça, igualmente pacifista, lembro o perigo do alargamento da guerra no Vietnam, com possibilidades catastróficas para todos nós.